MIRAGEM

MIRAGEM

soraya madeiro

© moinhos, 2018.
© soraya madeiro, 2018.

edição: camila araujo & nathan matos

revisão: literaturabr editorial

diagramação e projeto gráfico: literaturabr editorial

capa: sérgio ricardo

imagem da capa: nanda costa

1ª edição, belo horizonte, 2018.

nesta edição, respeitou-se o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M181m
Madeiro, Soraya
Miragem / Soraya Madeiro. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.
72 p. ; 12cm x 18cm.
ISBN: 978-85-45557-37-1
1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

2018-1130

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

todos os direitos desta edição reservados à
editora moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

a joão, minha bússola, e a luna, meu norte.

SERTÃO,

alfabetização

desde quando se prevê o amor
em que o tempo vai correr?

recostados às acácias do terreiro da minha casa – terreiro é como chamavam a extensão da calçada que ficava na rua, era responsabilidade de cada casa varrer as folhas da sua calçada e do seu terreiro –, descansavam dois meninos desconhecidos – forasteiros, pelas roupas que vestiam, meus amigos não usavam gola polo, as golas eram normalmente esgarçadas de tanto limparem o suor do rosto consequente das nossas modalidades esportivas infantis e despropositais –, gêmeos como as acácias do terreiro, gêmeos como se entre eles – e entre as acácias – houvesse um espelho e um deles fosse reflexo. reparei pelas venezianas da porta que não conversavam, olhavam levemente para baixo, com as mãos levemente juntas. rezavam? pelo tempo que estão ali, devem ter muitos pecados, pensei. tínhamos todos mais ou menos sete anos – menos as acácias, essas eu não sei quantos anos tinham –, não me lembro se ainda andava só de calcinha pela rua, mas recordo estar vestida quando resolvi atravessar o portal e descobrir por que tanto rezavam aqueles transeuntes tão bonitos no meio do terreiro, meninos tão bonitos podiam pecar tanto? abri a porta devagar – não queria jamais interromper uma ave maria – e meus pés descalços deram passos lentos em direção às acácias – se eles me vissem, não teria

sido eu a interromper, mas a própria vontade de deus. os meninos continuaram imóveis como as folhas da tarde sem vento. cada vez mais próxima, vi que seguravam algo cinza entre as mãos e não tinham dedos tão imóveis assim, eles se mexiam como se agarrassem um terço, passando conta por conta, apertando botões que formavam uma cruz. os objetos que os meninos seguravam eram game-boys. foi a primeira vez que vi dois anjos.

benjamin barroso, 335

a minha rua era do tamanho do mundo
os amigos estavam lá, a escola, a professora
as bicas nos banhos de chuva
os carros-pipa em tempos de seca
o carro do leite às seis da manhã
o medo da cantoria das procissões de madrugada
– meu quarto era o mais escuro na madrugada
as cartas de amor nunca enviadas debaixo do colchão
as cicatrizes desenhadas nos meus joelhos
hoje, mesmo em outra cidade,
ainda moro na minha rua

matriz

sempre tive o ímpeto de fugir por medo. fugi quando sujei de sorvete a roupa da missa – sujar a roupa de domingo é quase sacrilégio –, quando me banhei na água da chuva que a cisterna apanhava, fugi antes de dar meu primeiro beijo e depois de dar meu primeiro beijo, fugi quando você deixou de querer acordar ao meu lado e também quando eu deixei de querer acordar ao meu lado. a fuga nunca evitou que as dores existissem, mas sempre foi uma desculpa pra sentir o frio na barriga de quem está à beira da saída de emergência, porque viver é certamente a maior de todas as emergências.

ponte sobre o rio quixeramobim

uma artéria aberta desventrada resfolegando pelo que lhe escapava. o ar se confundia ao entrar e saía: portas desidentificadas e desautomatizadas. batidas lúgubres e sinestésicas formavam um invólucro de cor sob as nuvens raras de um sertão enveredado de baixo a cima. a ponte vermelha sofria com o sol a pino. desbotava. estávamos em cima dela, forçamos, pulamos em uníssono, gritamos uma pancada. protagonistas e agonistas, quando nosso sangue em catadupas envermelheceu o rio e a ponte quebrada pela qual apenas vultos recentes de vozes traspassavam.